



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUCAS BARRETO NEVES

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-848

Entrevistado: Lucas Barreto Neves

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Casa do entrevistado – Bairro Cascata, Porto Alegre

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 25/01/2018

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 9 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 4 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulada *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relacionamento com a ginasta Adrian Gomes; Incentivo e apoio dado à atleta; Lesão da atleta nos Jogos Olímpicos; Desvalorização da ginástica no Brasil; Lesões recorrentes da Adrian durante a carreira.

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2018. Entrevista com Lucas Barreto Neves a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Lucas, eu gostaria de iniciar a entrevista perguntando sobre o tempo que você conhece a Adrian.¹ Quanto tempo vocês estão juntos?

L.N. – A gente está junto há dez anos já, a gente se conhece desde 2007. Uma longa data, muito tempo distante por causa dos treinos dela, muito tempo ela passou fora... Olimpíadas então, a gente se viu muito pouco porque era muito treino. Depois ela foi para lá, aconteceu tudo aquilo que aconteceu. Mas basicamente isso: dez anos, muito sofrimento, por causa da ginástica, muitas cirurgias, muito tempo de conversa, sobre esse assunto, porque muito tempo ela quis parar.

N.B. – Sim.

L.N. – E a gente sempre empurrando, empurrando, empurrando. “Fica mais um pouco, fica mais um pouco, fica mais um pouco.” Até que nas Olimpíadas² ali foi um baque, foi onde, eu pelo menos, cheguei à conclusão que não dava mais mesmo por causa da lesão dela nas costas. E aí quando ela chegou de lá disse que ia parar e eu não questionei.

N.B. – Sim.

L.N. – Tudo ok, tudo tranquilo porque não dá para brincar com costas, não dá. Enquanto era um ombro, joelho, ainda dava para se levar, mas quando ficou mais grave, não.

N.B. – E o que representava ter a Adrian como uma atleta que participou de tantas competições importantes, chegou até os Jogos Olímpicos...

L.N. – Olha, para os outros que me conheciam era muito tri, gostavam muito, tanto que eu era conhecido como o namorado da ginasta. Mas para mim não foi muito legal assim por

¹ Adrian Geovana Nunes Gomes.

² Referência aos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

causa da distância; ela trabalhava às vezes, doze horas de treino, a gente se via muito pouco e quando se via era podre de cansado, fora as viagens longas, incessantes, então... Mas sempre foi o sonho dela, eu sempre apoiei, enquanto o corpo dela permitiu, mas em questão assim, foi muito sofrido pela distância.

N.B. – E tu te lembra de como foi com ela lá nos Jogos Olímpicos, que ela estava distante de vocês todos aqui, passando por toda aquela situação. Como é que foi o apoio que vocês deram para ela, tu te lembra dessa fase?

L.N. – *Bah*, foi bem complicado porque foi uma surpresa para nós, porque eu acho que foi na época que ela estava melhor... No tempo que ela estava melhor preparada fisicamente, mentalmente para ir, tanto que na época ela era considerada uma das melhores do Brasil para ir, e chegar lá. Pelo que eu me lembro foi um dia ou dois dias antes da estreia, ser cortada. *Bah*, foi bem complicado! Na hora que ela me falou eu não acreditei e aí a gente viu na TV, eu estava até na casa de uns amigos meus quando apareceu na TV, na ESPN, em um canal aí fechado. Apareceu a entrevista dela, aí eu fui para o Facebook... Até porque lá os horários eram diferente, tipo aqui era de dia, lá era de noite, então a comunicação foi complicada, tinha que se falar de madrugada. E aí quando ela voltou a gente deu apoio total, falamos para ela... A primeira coisa que a gente tentou fazer foi dizer para ela não parar, para ela voltar, mas ela voltou e não queria mais; Disse que não queria mais, foi uma decepção para ela chegar lá, se preparar anos para chegar na forma física perfeita, mentalmente perfeito e sofrer um boicote. Que para mim não passa disso, para mim foi um boicote que fizeram com ela na realidade. Porque se tu está há um ano com dor nas costas e está treinando e tu te qualifica com um ano com dor nas costas, dois dias, aí descobriram a lesão, dois dias, um dia antes, é mais... Essa é a minha opinião né.

N.B. – Sim.

L.N. – Eu não tenho... Não sei se ela pratica da mesma opinião que eu, mas eu considero um boicote né. Não foi uma estratégia ruim, ou tu corta antes, ou tu deixasse. Porque tu estava ali trezentos e sessenta e cinco dias treinando, porque ela treinava isso, passou um ano, só para isso e com dor, sempre relatando: “Estou com dor.” “Estou com dor.” Fez fisioterapia, radio não sei das quantas, um monte de coisa, aí chegar lá: “Ah, hoje tu vai

fazer o exame.” “Ah, hoje tu está fora porque...”. Não, não, só um pouquinho, fica meio estranho né. Para mim soou estranho quando ela me disse isso, que é uma coisa que já vinha. Não é uma coisa que tu caiu, quebrou ali, que nem o tendão dela, foi ali arrebentou. Não tem o que tu fazer. Mas tipo assim: pô, tu está treinando um ano com aquilo ali. Para mim eu fiquei muito... Aí também, foi que eu disse pra ela, larga de mão porque... E também o esporte não é valorizado, a ginástica no Brasil é uma coisa que não é valorizada. É um salário muito baixo, a carga horária muito alta, o salário muito baixo, o reconhecimento é *muito* baixo e a valorização do profissional é muito baixo perante os clubes, que eu acho. Ela trabalhou no União³ e ela trabalhou na Sogipa⁴ e eu sempre debatia muito com os valores que ela ganhava, pelo tempo, pela dedicação daquilo não era uma questão assim que tem que receber rios de dinheiro. Mas trabalhar doze horas para receber mil reais? Eu discordava. E destruindo o corpo, porque ela é toda retalhada, é ombro, é perna, é tendão... Agora mesmo, ontem, ela estava fazendo exame médico, de dor nas costas, porque é uma coisa que ela trabalhou, trabalhou, ficou, saiu. Acho que faz uns três anos, quatro anos, eu não me recordo quanto tempo faz que ela saiu e as sequelas continuam. E tu não tem um amparo e tu também não ganhou o suficiente para pagar um bom médico, para pagar um bom tratamento, se tu não fizer por onde, tu parou, tudo parou.

N.B. – Sim.

L.N. – Então tipo, os clubes não dão esse apoio depois que tu para: “Ah, tu parou, tá, mas tu ficou com uma lesão, vamos tratar a tua lesão, vamos te acompanhar”. Dá um cargo, pelo histórico dela, pelos títulos que ela tem, o clube que ela sempre trabalhou deveria dar um... “Ó, não tem mais, mas continua trabalhando com a gente, pela tua vivência, pela tua experiência, vai estudar, te forma, vira nossa treinadora.” Enfim, são uma série de coisas que no esporte esse peca muito, muito, muito. A desvalorização do ser humano, do atleta que se desempenha ali, de alto nível, falando de alto nível, que está ali, vive daquilo, come, dorme, acorda naquilo. E tá, hoje até as pessoas perguntam: “Ah, teu filho vai ser ginasta?” Jamais. Jamais, jamais. Eu não... A não ser que ele seja muito bom, herde o negócio da mãe dele e seja inevitável, mas eu não vou estimular. Eu não estimularia ele a ser ginasta, pelo que eu vivi com ela nesses dez anos.

³ Grêmio Náutico União

⁴ Sociedade Ginástica de Porto Alegre

N.B. – Sim.

L.N. – Eu não estimularia ele. Prefiro ele trabalhando normalmente, estudando, do que viver num ginásio e ser desvalorizado, até porque o treinamento interno é bruto, é bruto. Eu fui militar e é quase militarismo. Fui militar por nove anos, oito anos e o negócio é puxado, então, eu prefiro isso. Eu doutrino, eu tenho essa fábrica aqui que é para ele né, estou dois anos trabalhando nisso, graças a Deus estamos conseguindo fazer uma coisinha ali, tem o nosso carro, pretendo aumentar esse ano, terminar a minha obra, que eu tenho uma obra ali atrás, e assim, é o que eu deixo para ele, a herança dele seria a empresa de trufas, pão de mel, essas coisas.

N.B.- Lucas, tem mais alguma história que tu lembre que tu queira contar...

L.N. – Ah, daí eu vou chorar. Nos tempos de ginástica da minha esposa...

N.B. – Então tá, se tiver mais alguma coisa para acrescentar.

L.N. –Não.

N.B.- Te agradeço a disponibilidade.

L.N. – É, meu filho não vai ser ginasta, não vai seguir a mãe.

[FINAL DA ENTREVISTA]